

## RETOMADA DO CINEMA BRASILEIRO – 1995 A 2005

Gustavo Ferreira da Silva\*

**Resumo:** *O objetivo do presente trabalho é produzir um passeio histórico durante uma década (1995-2005) pelo cinema brasileiro, sobretudo a partir do chamado período da “retomada”, que sucedeu uma fase após o presidente Fernando Collor fechar a Empresa Brasileira de Filmes, em que o cinema nacional ficou com as produções quase inativas. A criação das Leis Rouanet e a do Audiovisual possibilitou investimentos que dão apoio aos filmes e a partir daí as atividades cinematográficas são retomadas. A expressão “retomada” começou a ser utilizada frequentemente em 1995, após o sucesso do filme Carlota Joaquina, Princesa do Brasil. O investimento da Globo Filmes e grandes distribuidoras internacionais possibilitaram mais divulgações no meio televisivo, gerando filmes com boa aceitação nas críticas e com bilheterias superando produções Hollywoodianas. A análise do panorama do cinema no Brasil nesta época foi feita a partir das obras de Pedro Butcher, Daniel Caetano e do Luiz Zanin Oricchio.*

**Palavras-chave:** Cinema brasileiro; Leis de incentivo; Retomada

### O IMPACTO DAS LEIS DE INCENTIVO

Com a estagnação e crise criativa do cinema nacional, no final da década de 80, o filme brasileiro fora visto como morto e sem esperanças, após o fechamento da *Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme)*. A *Embrafilme*, que surgiu em 1969, criada pelo regime militar, apoiava os longas-metragens nacionais à época do “cinema novo”, como os filmes de Glauber Rocha. Durante a década de 70 e meados dos anos 80, a *Embrafilme* faturou muito em suas produções, como o insuperável em bilheteria nacional: *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976), de Bruno Barreto, levando mais de 11 milhões de espectadores ao cinema (BUTCHER, 2005, p. 18).

No final da década de 80, a *Embrafilme* sofre uma crise econômica, impossibilitando novos investimentos. Nessa fase, o interesse do público havia diminuído em relação a filmes nacionais. As películas estrangeiras se tornaram quase hegemônicas, principalmente as produções *Hollywoodianas*, que disparam no mercado nacional. Além disso, competir com a televisão estava cada vez mais difícil. Quando Fernando Collor assume a presidência do Brasil, em 1990, decide fechar a *Embrafilme*, sem criar nenhum outro órgão para substituir as funções de incentivo à cultura, provocando um choque para o cinema nacional.

Após o *impeachment* de Collor, em 1992, Itamar Franco assume o governo do país. Junto com o Ministério da Cultura são criadas: a Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) e a Lei do Audiovisual. Ambas as leis, pessoas físicas ou jurídicas, ao investir em obras culturais, garantiam reduções fiscais.

---

\* Estudante de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Católica do Salvador (UCSal) e bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Crítica de Cinema (GRACC). E-mail: [gustfs@gmail.com](mailto:gustfs@gmail.com). Orientadora: Regina Lúcia Gomes Souza e Silva, Professora do Curso de Comunicação Social da UCSal, Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. E-mail: [reginagomesbr@yahoo.com.br](mailto:reginagomesbr@yahoo.com.br).

(...) através da lei 8.313/91 (conhecida como Lei Rouanet, concede abatimento fiscal da ordem de 80% do orçamento dos projetos, obrigando a uma contrapartida de 20% sem incentivo) e da Lei 8.685/93 (conhecida como Lei do Audiovisual, concede abatimento de 100% do valor investido, sem contraparte), além de leis municipais e estaduais. (CAETANO, 2005. p.22)

A partir da criação dessas leis, esperanças foram criadas e o termo “retomada” começou a ser utilizado para o cinema nacional. Também em 1992, surgiu a *Riofilme*, criada pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Esta foi a maior responsável pela distribuição dos filmes brasileiros dessa época, produzindo filmes cariocas e de todo território do Brasil. Entretanto, a rejeição do público e dos exibidores era bastante grande. Segundo os dados da publicação *Cinema Brasileiro – Um Balanço dos Cinco Anos da Retomada do Cinema Nacional*, lançada pelo Ministério da Cultura em 1999, citada por Pedro Butcher (2005, p. 21), no período entre 1992 e 1994 somente 13 longas chegaram ao circuito nacional, muitas vezes em cinemas de circuitos alternativos exibidos em poucas cidades brasileiras. Todos esses filmes foram distribuídos pela *Riofilme*, e o total de bilheteria não chegou a 1% do total de ingressos vendidos nacionalmente.

## A RETOMADA

Em 1995, a expressão “retomada” foi bastante utilizada para o cinema brasileiro, já que alguns filmes nacionais voltaram com produções melhores graças às leis de apoio de incentivo. É neste ano, que a atriz Carla Camuratti dirige seu primeiro filme: *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, que é considerado o primeiro sucesso da retomada do cinema nacional com o público de 1.286.000 (ORICCHIO, 2003, p. 26). O filme conta com a participação de Marieta Severo (Carlota Joaquina), Marco Nanini (Dom João VI) e Marcos Palmeira (Dom Pedro I), atores conhecidos nacionalmente por trabalhos televisivos nas novelas. O filme é visto como “uma sátira, baseada em estereótipos sedimentados no imaginário popular.” (ORICCHIO, 2003, p. 37). O longa-metragem é um grande deboche aos personagens históricos e Carlota Joaquina é vista como ninfomaníaca, Dom João VI como o preguiçoso, sujo e guloso e seu, filho, Dom Pedro I, como o conquistador de diversas mulheres. Todos com poucas preocupações e responsabilidades com o Brasil, muitos críticos relacionaram o declínio do Império com o governo Collor, este último foi acusado de corrupção e teve que renunciar ao cargo de presidente. Anos depois, a *Rede Globo* aproveitou o sucesso do filme e produziu a minissérie *O Quinto dos Infernos* (2002), contando a história da mesma família real, contudo, o maior destaque era no filho do casal - Dom Pedro I.

No mesmo ano, *Terra Estrangeira* (1995), dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas, não fez o sucesso de bilheteria como *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, mas agradou bastante à crítica brasileira, principalmente pelo fato do filme começar com a mãe do personagem Paco (Fernando Alves Pinto) assistindo pela televisão o anúncio do novo plano de governo declarado pela ministra da economia do governo Collor; a “novidade” era o confisco das contas bancárias para barrar os índices de inflação. A mãe dele acaba morrendo depois da notícia. Desiludido com o país e após a fatalidade com sua mãe, Paco decide entregar um objeto contrabandeado para Lisboa, terra onde conhece Alex (Fernanda Torres) por quem se apaixona. Na viagem ele é perseguido por bandidos devido à encomenda que ele levava. O filme é todo gravado em preto e branco, passando a sensação de aflição e tensão, momentos que milhares de brasileiros sofreram com a mesma decepção política.

Para Pedro Butcher (2005, p. 32), nos três primeiros anos da retomada (1995-1998) o estilo de muitos filmes brasileiros fugia da característica do “Cinema Novo” sem atributos da realidade contemporânea nacional. Como em: *O Quatrilho* (1995) do diretor Fábio Barreto, que narra a história de dois casais de europeus imigrantes no Brasil, *Baile Perfumado* (1997) de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, que conta a trajetória de um fotógrafo libanês no nordeste brasileiro e em *Bella Donna* (1998) de Fábio Barreto, em que os astros principais do filme são estrangeiros, e até o idioma não era predominantemente em português. Ou seja, temas que fugiam da realidade brasileira e aproximava-se de temas menos politizados numa tentativa de maior ganho nas bilheteria. Butcher também acredita que o estrangeirismo nos filmes foi o resultado das leis de incentivo, no qual as empresas poderiam interferir no conteúdo da película; essas corporações eram conservadoras e tentavam se “igualar” ao cinema internacional. As empresas tinham medo da sua marca estar associada a “certos” conteúdos vistos nos longas-metragens. Nesse período “definiu-se ruidosamente uma meta midiática suprema para o novo cinema brasileiro: a conquista de uma estatueta do Oscar, como prova de sua admissão no clube fechado da indústria de cinema.” (CAETANO, 2005, p. 27). *O Quatrilho* e *O Que é Isso, Companheiro?* foram indicados ao *Oscar* nas edições de 1996 e 1998, apesar disso, não levaram a estatueta.

O ano de 1998 foi um ano ilustre tanto para o cinema brasileiro, devido a *Central do Brasil* de Walter Salles, mesmo diretor de *Terra Estrangeira*, mas dessa vez as viagens do filme são feitas pelo próprio Brasil. A partir deste filme, o cinema nacional ganha coragem, de novamente expor problemas sociais brasileiros, com destaque para a pobreza, também vistos nos filmes *Kenoma* (1998), da diretora Eliane Caffé, e *Terra do Mar* (1998), dos diretores Mirella Martinelli e Eduardo Caron. O longa-metragem *Central do Brasil* conta a história de Dora (Fernanda Montenegro), que trabalha na estação Central do Brasil, onde redige cartas para analfabetos, muito deles eram migrantes de outros estados. Uma das pessoas que paga a Dora para escrever uma carta é Ana (Soia Lira), para o pai do seu filho Josué (Vinicius de Oliveira), que tinha vontade de conhecê-lo. Ao tentar pegar o peão de Josué, Ana é atropelada e morta. Josué fica sozinho na estação e Dora se sente responsável pelo menino, que não tinha mais ninguém no Rio de Janeiro. A partir daí, ela leva o garoto para sua casa; e ele descobre que Dora era corrupta, pois não enviava as cartas aos destinatários dos seus clientes. Ela então resolve “entregar” a carta de Josué pessoalmente para seu pai numa longa viagem para o interior do nordeste. Este drama foi indicado ao Oscar de 1999 nas categorias de melhor filme estrangeiro e melhor atriz para Fernanda Montenegro; ganhou *Globo de Ouro* na categoria de melhor filme estrangeiro e faturou muitos outros troféus. Com tantos prêmios Walter Salles é considerado o diretor de cinema brasileiro mais famoso, inclusive com reconhecimento internacional. *Central do Brasil* é a maior bilheteria pela distribuidora *Riofilme*, levando 1.593.367 espectadores aos cinemas (Database da Filme B citada por GATTI, 2002).

A *Globo Filmes* foi criada em 1998, com os principais objetivos de contribuir para o fortalecimento da indústria cinematográfica brasileira e aumentar a divulgação do cinema na televisão, já que existe uma crença amplamente compartilhada de que a *Globo* é a TV aberta mais assistida do país. Nos três primeiros anos a produção de filmes foi bastante reduzida. No ano de estréia, o filme infantil do astro da *Globo* Renato Aragão, *Simão e O Fantasma Trapalhão*, dessa vez com a produção da *Globo Filmes* e a distribuição da *Columbia Pictures*, contou com a participação da cantora Ivete Sangalo e outros atores da emissora televisiva. Em 1999, pela mesma produtora, estréia outro filme infantil, com Angélica, outra artista conhecida da *Globo*, intitulado *Zoando Na TV*, dirigido por José Alvarenga Júnior. Ambos com ótimas bilheteria.

Ainda em 1999 é a estréia de *Orfeu* (*Globo Filmes* e *Columbia TriStar do Brasil*) do diretor Carlos Diegues, e é a partir desse filme que a retomada do cinema brasileiro entra na fase de filmes mais violentos e com a favela como ambiente principal. *Orfeu* é baseado na peça de Vinicius de Moraes e é marcado pela estréia do cantor Toni Garrido (*Orfeu*) como ator, fato que muitos críticos não aprovaram, ao se dar ao principiante um papel de protagonista. A narrativa se desenvolve quando Orfeu, líder de uma escola de samba, se apaixona por Eurídice (Patrícia França), moradora de uma favela e vítima dos traficantes de drogas, e por isso a paixão dos dois se torna perigosa. O filme mescla os dois mundos: o do *glamour* do carnaval e o da violência da favela.

Em 1999, a Rede Globo exibiu a minissérie *O Auto da Compadecida*, com apenas quatro episódios adaptados da peça de Ariano Suassuna. Com a direção de Guel Arraes, a série foi um grande sucesso de audiência. Assim, em 2000, a *Globo Filmes* decide editar a minissérie e testar o seu produto já exibido anteriormente na televisão nas grandes telas do cinema. Com remotas esperanças de fazer sucesso, o filme se tornou o mais novo recordista da retomada, até então, desde o fechamento da *Embrafilme*, ultrapassando *Carola Joaquina*, *Princesa do Brasil*. *O Auto da Compadecida* teve mais de 2,1 milhões de espectadores nos cinemas (BUTCHER, 2005, p. 74). Fundamentada nesse sucesso, a *Rede Globo* e *Globo Filmes* decidem lançar seus produtos televisivos com novas histórias nos cinemas como *Casseta & Planeta - A Taça do Mundo é Nossa* (2003), de Lula Buarque de Hollanda, e *Os Normais* (2003), de José Alvarenga. No ano de 2001 surge a Agência Nacional do Cinema (Ancine), vinculada ao Ministério da Cultura, fiscalizando e dando apoio às produções de vídeo e cinema nacional.

Com crescimento bastante significativo nas bilheteiras do cinema brasileiro, grandes distribuidoras como *Columbia Pictures* e *Fox Film*, passam a investir mais nas produções nacionais junto com a produção da *Globo Filmes*, na intensificação de divulgação dos longas-metragens. Nas novelas, os personagens saíam para o cinema, assistiam ao filme nacional e elogiavam o filme. E até em matéria de telejornais o tema do longa-metragem era exibido. Com essa estratégia, o mercado cinematográfico nacional estava se fortalecendo cada vez mais.

*Cidade de Deus* (2002) de Fernando Meirelles foi um filme impactante. Baseado no livro escrito pelo ex-morador Paulo Lins, que cresceu nesta favela do Rio de Janeiro, surgida nos anos 60, e anos depois se torna um dos lugares mais perigosos e violentos da cidade. Buscapé (Alexandre Rodrigues) é o narrador-personagem do filme, que se preocupa em ter que sobreviver ao tráfico. Ao tirar uma foto na favela, tem a oportunidade de trabalhar como fotógrafo, já que vivia num local onde poucos profissionais dessa área entravam. Além de contar sua vida, Buscapé conta histórias de outros personagens com quem conviveu, como os traficantes Zé Pequeno (Leandro Firmino da Hora) e Sandro Cenourinha (Matheus Nachtergaele). Com essa sinopse, o filme quase não recebeu patrocínio. Em entrevista para *Revista Veja*, em 2002, Meirelles relatou que apenas 15% da verba total do filme (8,2 milhões de reais) procederam das leis de incentivo e o restante foi gasto pelas produtoras *O2* e a *Videofilmes*. Apesar de tudo isso, *Cidade de Deus* deixou as filas dos cinemas cheias, provocou muitas polêmicas e conquistou diversos prêmios, chegando a concorrer em quatro categorias do *Oscar*. Para Luiz Zanin Oricchio, a Retomada se encerra depois do marco deste longa-metragem e acredita que nenhuma atividade deve ficar retomando a vida inteira.

Com forte presença na mídia, *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, dividiu a crítica, encantou o público, levou 3,2 milhões de pessoas aos cinemas e tornou-se o filme do ano em 2002. É o maior sucesso de público da Retomada, deixando para trás produtos ostensivamente comerciais como os de Xuxa,

Angélica e Renato Aragão. Pode-se gostar dele ou não, mas, em minha opinião, transformou-se em marco e fechou um ciclo – justamente o do cinema da Retomada. (ORICCHIO, 2003, p. 156)

Com o ápice de *Cidade de Deus*, a *Globo Filmes* lança *Carandiru* (2003), dirigido por Hector Babenco, também baseado em livro, escrito pelo médico Dráuzio Varela, que trabalhava no maior presídio da América Latina num programa de prevenção a AIDS. A partir do convívio com os presidiários, a narrativa se desenvolve. O tema da violência já não assustava tanto e dessa vez o filme contou com muitos patrocinadores. A distribuição foi da *Columbia Pictures* e a produção da *Globo Filmes*, além de alto investimento nas divulgações televisivas. Atingindo 4,6 milhões de espectadores e orçamento de 12 milhões de reais até então, *Carandiru* foi a maior bilheteria e produção mais cara da retomada (BUTCHER, 2005, p. 63). Pelo grande sucesso de *Cidade de Deus* e *Carandiru*, a *Rede Globo* decide lançar esses produtos na televisão com novos contos; em 2002 estréia *Cidade dos Homens* e *Carandiru: Outras Histórias* (2005).

Ainda em 2003 a *Globo Filmes* teve outros sucessos, no gênero infantil *Acquaria* com a direção de Flávia Moraes, *Xuxa Abracadabra* de Moacyr Góes e *Didi, o Cupido Trapalhão* de Paulo Aragão e Alexandre Boury, a comédia: *Casseta e Planeta – A Taça do Mundo é Nossa* do diretor Lula Buarque de Hollanda, *Os Normais* de José Alvarenga, *Lisbela e o Prisioneiro* do Guel Arraes, e *Deus é Brasileiro* do Cacá Diegues, e o drama: *Maria - Mãe do Filho de Deus* dirigido por Moacyr Góes.

Em 2003, pela primeira vez desde 1989, o público total de cinema no país voltou à casa dos 100 milhões de espectadores. O público dos filmes brasileiros, nesse conjunto, chegou a 22 milhões, o que representou uma participação no mercado de 21,4% - recorde absoluto do período da retomada, e o melhor resultado dos filmes brasileiros desde 1988. Como o público dos filmes estrangeiros havia sofrido uma pequena queda de 4%, os grandes responsáveis pela expansão do mercado foram mesmo as produções nacionais, que conseguiram atrair espectadores que se encontravam afastados dos cinemas. (BUTCHER, 2005, p.65)

Os maiores destaques do ano 2004 são as produções *Globo Filmes*, em evidência as cinebiografias de personalidades históricos já falecidos: *Olga*, dirigido por Jayme Monjardim, e *Cazuza – O Tempo Não Para*, dos diretores Sandra Wernek e Walter Carvalho. O primeiro conta a trajetória da alemã Olga Benário Prestes (Camila Morgado), quando se destaca no Partido Comunista, passa a receber treinamento militar e é convocada para cuidar da segurança de Luís Carlos Prestes (Caco Ciocler). Na viagem de volta ao Brasil eles se apaixonam. Grávida dele, Olga é deportada do país e tem sua filha na prisão. O drama é viver longe do seu amado e de sua filha; a menina foi criada pela sua avó paterna, que lutou para tirar seu filho e sua nora da prisão. Muitos críticos questionaram a qualidade do filme e do diretor que produziu o longa-metragem, com características de telenovelas, entretanto, a bilheteria do filme foi um sucesso.

*Cazuza - O Tempo Não Para* é a história do cantor interpretado por Daniel de Oliveira, que iniciou a carreira na banda *Barão Vermelho* e depois se torna cantor solo. Ao ser contaminado pelo vírus da AIDS, Cazuza mesmo debilitado pela doença não desiste de seu sonho e maior dom, que é a música.

A televisão foi, em grande parte, responsável pelo sucesso da retomada do cinema brasileiro, porém muitos críticos acreditam que a *Globo Filmes*, junto com a *Rede Globo*, criou

um monopólio injusto com filmes nacionais. Os longas-metragens não vinculados com a produtora têm orçamentos baixos, poucos incentivos, de modo geral apresentam resultados nas baixas bilheteria e poucas salas de exibição, chegando ao ponto de não serem lançados em diversas cidades brasileiras. Contudo, reconhecem que a *Globo* foi tão importante quanto as leis de incentivo criadas pelo governo. Talvez, para haver um equilíbrio nas produções cinematográficas nacionais, outras emissoras televisivas também deveriam investir nesse mercado onde só produções *Globo Filmes* deixam filas grandes e enchem as salas de cinemas.

Por fim, o maior sucesso de 2005 foi com *2 filhos de Francisco*, do diretor Breno Silveira. O filme conta a história de cantores importantes no cenário musical brasileiro: Zezé de Camargo e Luciano, com ênfase ao incentivo do pai (Francisco) em ensinar os garotos a cantar e insistir na carreira Segundo os dados da Filme B, publicados pela Agência Estado de São Paulo em 2006, o longa-metragem foi o mais assistido do ano, com a bilheteria de seis milhões de espectadores, superando *Carandiru*, e se tornou o filme o mais visto nos cinemas durante toda a fase da “retomada” (1995-2005).

## CONCLUSÃO

A criação das leis de incentivo do cinema nacional parece ter sido fundamental para a retomada das produções brasileiras, apesar disso, é importante ressaltar que há filmes que não recebem incentivos. Alguns longas-metragens tiveram grandes estréias, e ao mesmo tempo, películas que nem chegaram ao conhecimento do grande público. Boa parte dos espectadores tinha a idéia estereotipada (hoje em menor proporção) a respeito de filmes nacionais, reclamavam da falta de qualidade de imagem e sonora, além de considerarem os temas repetitivos, sobretudo aqueles que tratavam da pobreza e da miséria. A quebra deste paradigma é respondida nas próprias bilheterias, vista nos diferentes destaques anuais. Em 1995, o maior sucesso é um filme histórico (*Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*), em 1997, um *road* filme com drama (*Central do Brasil*), em 1998 e 1999 ênfases são para gêneros infantis (*Simão e O Fantasma Trapalhão* e *Zoando Na TV*), 2000 com a comédia (*O Auto da Compadecida*), em 2001 o número de documentários cresce, 2002 e 2003 a violência em *Cidade de Deus* e *Carandiru*, 2004 e 2005 biografias de personagens importantes (*Olga, Cazuza, O Tempo Não Pára* e *2 Filhos de Francisco*). Entre 1995 e 2005 os temas são diversificados, sem seguir uma escola estética definida. Segundo a lista de longas-metragens produzidos nesses 10 anos, mais 350 filmes nacionais estrearam nos circuitos (CAETANO, 2005. p. 339). Números que não só se limitam a longas-metragens, mas também para o surgimento de novos atores, diretores e outros que trabalham nas produções audiovisuais. O cinema brasileiro, que era sinônimo de filme ruim, agora vive uma fase de superar recordes de bilheterias de filmes anteriores, e está cada vez mais dando prazer estético para milhares de espectadores.

## REFERÊNCIAS

BOSCOV, I. Ao deus-dará. **Revista Veja**. 1766 ed. São Paulo, 2002.

BUTCHER, P. **Cinema Brasileiro Hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005.

CAETANO, D.; VALENTE, E.; MELO, L. A. R.; OLIVEIRA, L. C. 1995-2005: Histórico de uma década. In: CAETANO, D. (Org.). **Cinema Brasileiro 1995-2005: Ensaio Sobre Uma Década**. Rio de Janeiro: Azougue, 2005. p. 11-47.

GATTI, A. **Riofilme: Uma Distribuidora de Filmes Nacionais (1992-2000)**, 2002. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br>>. Acesso em: 25 de junho de 2007.

ORICCHIO, L. Z. **Cinema de Novo: Um Balanço Crítico da Retomada**. São Paulo: Estação Liberdade. 2003.

SILVA, B. C. **Cinema: platéia nacional encolhe 12% este ano**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2007.